

CLIMA Convenção na Alemanha com representantes de 178 países regulamenta o acordo para conter aquecimento global

Protocolo de Kyoto é aprovado com ressalva

MARCELO TEIXEIRA

FREE-LANCE PARA A FOLHA, EM BOON

Em um feito que deve marcar a história da cooperação internacional, 178 países chegaram a um acordo na madrugada de ontem em Bonn, Alemanha, sobre as regras de implementação do Protocolo de Kyoto, tratado de combate ao aquecimento da Terra.

Ao mesmo tempo que salva o protocolo —ameaçado de morte desde março, quando os EUA se retiraram das negociações—, o acordo o enfraquece, por fazer concessões excessivas.

O ponto principal é a redução das emissões de gases-estufa. Esses gases são emitidos pela queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural), que ajudam a reter na atmosfera o calor irradiado pelo planeta. O principal é o gás carbônico, ou dióxido de carbono (CO₂).

Para conseguir a adesão de aliados dos EUA, como o Japão, o ministro do Ambiente da Holanda, Jan Pronk, presidente da conferência, apresentou um texto de consenso que admite o uso de florestas como "sumidouros" para o carbono emitido em excesso —livrando-os, assim, de uma maior redução efetiva nas emissões.

O tratado foi adotado em 1997, em Kyoto, pela maioria dos países participantes da Convenção do Clima. Desde então, houve várias reuniões para detalhar os termos do pacto, para que possa ser ratificado —transformado em lei— pelo parlamento de cada país.

O protocolo teve o seu maior revés este ano, quando o presidente do EUA, George W. Bush, retirou o país das negociações, apontando "falhas inerentes" no acordo.

Motivos por trás da decisão americana são o temor de desaceleração de sua economia, movida à base de combustíveis fósseis, e o fato de grandes economias, como China e Índia, não terem de cumprir metas de redução, por estarem em desenvolvimento.

Os EUA são responsáveis por cerca de 25% das emissões mundiais de gases-estufa. O Protocolo de Kyoto foi fechado com a intervenção direta do então vice-presidente dos EUA, Al Gore, que concorreu com Bush à Presidência.

Desde então, a União Européia (UE), vinha batalhando para conseguir o apoio dos países aliados dos EUA nessa causa. Do chamado "Umbrella Group" (Grupo do Guarda-chuva), o Canadá logo se aliou à UE, mas era fundamental o apoio do Japão, por ser o quarto maior emissor de gases-estufa.

O Japão tem insistentemente tentado trazer os EUA de volta à mesa de negociações e queria postergar até a próxima Conferência das Partes sua palavra final sobre o acordo. Mas o primeiro-ministro japonês, Junichiro Koizumi, acabou cedendo à pressão da UE e



O ministro holandês Jan Pronk

deu carta branca a sua ministra do Ambiente, Yoriko Kawaguchi, principal negociadora do Japão no encontro em Bonn.

Para entrar em vigor, o Protocolo de Kyoto precisa ser ratificado por ao menos 55 nações industrializadas, que representem pelo menos 55% das emissões totais.

Concessões

Assim como em Kyoto em 97, diplomatas e ministros envolvidos nas negociações entraram madrugada adentro, de domingo para segunda, discutindo detalhes finais. O acordo só foi alcançado por volta das 7h (2h em Brasília), depois que Austrália, Japão e Canadá aceitaram alterações feitas no documento de consenso.

Os ambientalistas atacaram as concessões que foram feitas aos países do "Umbrella Group", em relação aos sumidouros.

A inclusão dos sumidouros no protocolo consiste no uso do carbono absorvido por florestas jovens ou por projetos de reflorestamento como crédito positivo na contabilidade da meta de redução dos gases-estufa.

"O preço do sucesso foi alto. O protocolo foi fortemente diluído e seu efeito no clima foi reduzido", disse Kate Hampton, da ONG ambientalista Amigos da Terra.

A comissária da UE para o Ambiente, Margot Wallström, disse que o acordo foi uma demonstração de liderança. "Queríamos esse protocolo para mostrar que agir internacionalmente para combater mudança climática é possível."

A União Européia e o G-77, grupo que engloba os países em desenvolvimento, do qual o Brasil faz parte, foram os principais atores a forçar uma decisão favorável ao Protocolo de Kyoto.

Vaias para os EUA

A subsecretária de Estado norte-americana, Paula Dobriansky, que chefiava a delegação do país,

disse na sessão plenária final entre os ministros que, mesmo não tendo a intenção de ratificar o tratado, os EUA não agiram para impedir que outros o fizessem. "A administração Bush continua conduzindo a questão da mudança climática de maneira muito séria", afirmou, provocando vaias do público que acompanhava das galerias.

A União Européia ganhou não só na questão política, ao afirmar sua liderança, mas também sai vencedora do ponto de vista econômico. O bloco garante o seu futuro ao ser o principal expoente na competição tecnológica de substituição de combustíveis fósseis —lídera a pesquisa e produção de matrizes energéticas limpas, como eólica e solar.

Os EUA, apesar de terem rejeitado o protocolo, continuam membros da convenção da ONU sobre mudança climática e poderão aderir posteriormente.

Elogios ao Brasil

O diplomata brasileiro Everton Vargas, que conduziu as negociações para o país ao lado do ministro da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg, afirmou que o acordo é histórico porque estabelece um regime de verificação do cumprimento das metas, amparado no direito internacional.

"Isso é inédito e vai influenciar futuras negociações nesta área. Mostra disposição da comunidade internacional em discutir desenvolvimento sustentável."

Fabio Feldman, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudança Climática, disse que o acordo de última hora "salvou o protocolo". Para ele, as concessões foram necessárias, mas são temporárias. "É um primeiro passo importante", disse.

Pronk elogiou, na plenária final, a atuação dos brasileiros. "Eles foram extremamente ativos e deram uma grande contribuição para o sucesso destas negociações."

Sanções

O mecanismo de cumprimento das diretrizes estabelece que os países que não cumprirem as metas perderão o direito de usar os mecanismos de flexibilidade (sumidouros). Além disso, terão, para a nova meta do segundo período de reduções, um acréscimo de 30% sobre o montante que deixarem de alcançar.

A conferência em Bonn prosseguiu até o final desta semana, com discussões técnicas sobre os detalhes do protocolo, que deverão ser acertados entre outubro e novembro na 7ª Conferência das Partes (COP-7), em Marrakech, Marrocos. Espera-se que o protocolo passe a vigorar em 2002, após a cúpula da Terra em Johannesburg, África do Sul.

NOVE ANOS DE NEGOCIAÇÕES

Junho: Líderes mundiais reunidos no Rio adotam convenção para reduzir as emissões de gases-estufa dos países desenvolvidos. Nasce a Convenção do Clima

Dezembro: Reunidos em Kyoto, Japão, os países-membros da Convenção do Clima adotam o primeiro tratado mundial para reduzir emissões

Novembro: Cerca de 170 países adotam o Plano de Ação de Buenos Aires, que discute os meios de implementar o Protocolo de Kyoto em 2002 e de viabilizar redução de emissões

Abril: Em reunião do G-8, ministros do ambiente pedem ratificação do protocolo, mas não chegam a acordo
Novembro: A Sexta Conferência das Partes (COP-6), em Haia, Holanda, deveria regulamentar a implantação do protocolo. As negociações são postergadas para 2001

Março: Os EUA abandonam o Protocolo de Kyoto, alegando razões econômicas. O tratado fica ameaçado, pois os EUA respondem por quase 25% das emissões globais

23 de julho: A continuação da COP-6, em Bonn, consegue resgatar o protocolo e marcar sua implementação para 2002, mesmo sem os EUA

Editoria de Arte/Folha Imagem



O ACORDO

O Protocolo de Kyoto prevê, entre 2008 e 2012, o corte de 5,2% em relação aos níveis de 1990 das emissões dos países industrializados



O IMPASSE

EUA e União Européia discordaram quanto aos chamados "sumidouros" de carbono —florestas que, ao crescer, absorvem carbono e o fixam na biomassa (tronco e raízes). Os EUA queriam abater carbono sequestrado por suas florestas da meta total de redução de emissões. A UE discordava



COMO FICOU O ACORDO

Para conseguir o acordo, a UE, seu principal defensor, flexibilizou alguns pontos:
Sumidouros: os países que têm florestas podem usá-las para conseguir créditos sobre o total de emissões a cortar. Na prática, isso reduz as metas de 5,2% para até 2%, segundo ambientalistas
Financiamento: fundo de US\$ 530 milhões anuais ajudará os países do Terceiro Mundo a se adaptarem à mudança do clima
Sanções: para cada tonelada de carbono emitida acima da meta no período 2008-2012, os países terão de cortar 1,3 tonelada no segundo período de compromisso, que começa em 2013

Quem ganha

União Européia: Firma-se líder na questão ambiental e vai liderar competição tecnológica pela substituição de combustíveis fósseis

Japão: É o principal beneficiário do acordo, pois, graças aos sumidouros, não vai precisar fazer reduções drásticas em suas emissões de gases-estufa

Quem perde

EUA: Ficam isolados das negociações e não vão poder nomear representantes nos comitês de implantação do protocolo

União Européia: Para conseguir a adesão do Japão, foi obrigada a aceitar um protocolo enfraquecido, devido à inclusão dos sumidouros

Análise

Acordo deixa Bush isolado

DA REDAÇÃO

A União Européia deixou os EUA isolados e firmou sua posição com um líder na diplomacia mundial ao conseguir um acordo para salvar o Protocolo de Kyoto.

O presidente americano, George W. Bush, teve até o último momento para voltar atrás em sua decisão de não aderir ao acordo, tomada em março sob alegação de razões econômicas. Mas selou seu destino sábado em Gênova, ao reafirmar, durante cúpula do G-8, que não ratificaria Kyoto.

Bush renunciou à tradicional liderança americana em nome da economia dos EUA. Para o presidente, um texano que teve sua campanha eleitoral financiada pelas multinacionais do petróleo, a redução no consumo de combustíveis fósseis não poderia estar à frente da economia ou do bem-estar "dos americanos".

Tanto melhor para os políticos da UE, que conseguiram pôr ao seu lado aliados tradicionais dos americanos na questão climática, como Japão e Canadá. "Desde o começo a Europa teve uma atitude muito clara e coesa no assunto", disse o ministro da Energia da Bélgica, Olivier Deleuze.

"A Europa foi mais realista", disse à Folha Michael Zammit Cutajar, secretário-executivo da Convenção do Clima.

Segundo o ministro do Ambiente da Alemanha, o verde Jürgen Trittin, o problema dos EUA não é econômico. "Eles sabem que eficiência energética é uma vantagem competitiva", afirmou. "É mais o preço político de mudar seu estilo de consumo e de vida."

As ONGs ambientalistas acolheram o acordo de Bonn com ares de vingança. "O mundo derrotou o presidente Bush. Foi um terremoto geopolítico", disse Jenifer Morgan, do WWF (Fundo Mundial para a Natureza).

Para o climatologista brasileiro Carlos Nobre, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Bush deverá pagar um preço eleitoral pelo recuo. "Esta estratégia [a ratificação sem os EUA], nas próximas eleições, será utilizada por seus adversários", disse.

(CLAUDIO ANGELO)

Com agências internacionais